

Menezes Pimentel: Uma Década no Comando do Ceará

Armando Falcão

Senhoras e Senhores:

Está tomando corpo, numa triste tradição dos tempos modernos, o costume de sepultar no cemitério do esquecimento os grandes homens do passado.

Desaparecem na esteira das lembranças submersas os vultos que fizeram escola e marcaram época, pela inteligência, pela cultura, pela energia criadora, pelo espírito público, pela fama ilibada.

No Brasil de hoje, quem ontem foi grande, pelo mérito real, e já entregou a alma a Deus, acaba afundando, por omissão dos que ficam, na vala comum do desprezo ingrato.

Estamos deslembrados do valor desta verdade: o forte exemplo pode influir e ensinar tanto quanto os livros, ou até mais do que eles.

Quem areja o espírito na leitura permanente e penetra fundo a crônica das grandes vidas, muita vez se sente tocado do ideal de, pelo menos, procurar imitar aqueles que deixaram atrás de si o rastro de luz das lições imortais.

Infelizmente, no Brasil contemporâneo, projeta-se mais o falso merecimento da mediocridade ousada. Expandem-se avassaladoramente os agentes da autopromoção. Brilha quem pratica as artes do camelo de si mesmo.

Eles forçam a passagem e desfilam, com o entusiasmo dos lorpas, nas avenidas da propaganda encomendada, gratuita ou remunerada.

O passado, os que passaram?

Ora, esses não interessam, já foram e não são mais. Perderam a voz e a vez.

O eco das palavras, a força das suas ações, o reflexo de tudo morreu com eles. Não se cuida mais de transmitir nada do antigo, como roteiro, ao conhecimento e à meditação dos que vêm depois.

Resultado: a deficiência no preparo das novas gerações, quanto à História, quanto ao quadro do que foi o Brasil de outrora, na projeção e na dimensão dos homens de escol.

Querem um exemplo que é nota clamorosa?

Francisco de Menezes Pimentel morreu faz quatorze anos. Quem ainda se lembra dele em nossa terra — que era a sua paixão —, quem nele fala, a partir da sua morte, quem lhe cultua a memória, quem lhe recorda os exemplos?

De um livro do jornalista Hugo Victor, editado em 1947, selecionei alguns dados, que passo a ler:

“Francisco de Menezes Pimentel — Doutor em Direito. Nasceu em Santa Quitéria a 12 de setembro de 1887, filho de José Albino Ferreira Pimentel e da. Clara de Menezes Pimentel. Lutou desde a infância pela vida, conseguindo, porém, avançar nos estudos, até que em 1907, sob o patrocínio de Monsenhor Tabosa Braga, fundou em Pacoti o “Instituto São Luiz”, estabelecimento de ensino secundário que depois transferiu para Fortaleza. Terminando em 1910 o curso de preparatórios, matriculou-se na Faculdade de Direito, recebendo o grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais a 2 de dezembro de 1914, tornando-se seu professor catedrático de Direito Romano, para o que defendeu tese, que versou sobre “A liberdade humana e as teorias modernas”, passando, posteriormente, a Diretor, cargo que desempenhou até 1935, quando foi eleito Governador constitucional do Estado, candidato da Liga Eleitoral Católica.

Casado com da. Maria Brígida de Holanda Pimentel, filha de Ivo de Holanda e de da. Ana Quitéria Barreira de Holanda, tem do matrimônio seis filhos: Maria Ismênia, José Milton, Francisco Jurandir, Crisanto, Maria Nilce e Maria Esther.

Infelizmente, residindo fora do Ceará e não dispondo, no momento, de assessoria técnica adequada, não pude realizar pesquisa profunda, capaz de fornecer-me elementos detalhados e completos, no tocante à vida e à carreira política de Pimentel.

Já estava pronto para ser proferido este discurso, quando me chegou uma conferência do escritor Itamar Espíndola

sobre Pimentel, pronunciada em 1977 no Instituto do Ceará. Como tudo que vem do talento e da cultura do nosso brilhante contrerrâneo, é trabalho sério e importante. Data máxima vênua, todavia, há que ampliá-lo, aprofundá-lo, e dar-lhe vasta divulgação. É hora de apelar para os especialistas ilustres, que tantos os há em nossa terra, — o próprio Itamar Espíndola incluído, obviamente — a fim de que escrevam a grande e definitiva biografia de Pimentel.

Será essa uma missão intelectual fascinante, grata ao espírito e benéfica à posteridade: apurar e descrever, esquadrihar e narrar o fenômeno humano, político e sociológico daquele homem de origem tão simples e despretenhiosa, filho de humilde camponês, marca sertaneja registrada, fruto legítimo da castigada geografia nordestina. Em lances de pertinaz esforço, inteligente e determinado, tenaz e forte, brotou da planície do anonimato absoluto para o cume do prestígio, do respeito e da admiração geral no Estado e no País.

Durante uma década inteira, Pimentel comandou o Ceará de ponta a ponta, na qualidade de Governador e de Interventor Federal.

Construiu e reformou, criou e inovou, foi dele a iniciativa de obras e serviços fundamentais. Soube agir e reagir, foi ação direta e indireta em todos os quadrantes da vida cearense, sempre de espírito sereno, pacífico e conciliador, a cabeça no lugar.

Ademais, em diferentes oportunidades, integrou a Assembleia Legislativa, foi Vice-Governador, pertenceu à Câmara dos Deputados e ao Senado da República, foi Ministro de Estado.

Que fez ele por merecê-lo? Que desempenho teve em tantos e diferentes postos que ocupou? Como serviu Pimentel à Pátria, ao Povo, ao Estado?

Se os moços ainda não sabem, é certo que quererão saber. A culpa do déficit cultural não é deles. É dos mais velhos. A culpa é dos que não querem mais olhar à retaguarda, a fim de fixar, para enaltecer, transmitir, disseminar, o fulgor da grandeza, a fecundidade das sementes de sabedoria plantadas por antepassados nossos, próceres ilustres, condutores lúcidos e bravos, que tantos ensinamentos nos legaram.

É fenômeno sensível, visível e deplorável, esse de haver se deixado fenecer a memória estadual e a memória federal.

Entretanto, sempre muitíssimo se pode extrair dos grandes exemplos deixados pelas pessoas e sempre muitíssimo se pode aprender da múltipla e viva lição dos fatos pretéritos. São suscetíveis eles de converter-se em fermento histórico, capaz de influir para melhorar, para corrigir, para aprimorar a qualidade da sociedade humana, em toda parte e em todo tempo.

Está na hora de substituir a mentalidade do imediatismo oportunista e estéril, vazio e inútil, pela consciência do passado eticamente rico, que orienta, ensina e engrandece.

Impende colocar a antiga gema verdadeira no lugar do ouro novo falsificado.

Penso que nenhuma homenagem se prestou, até hoje, à memória de Pimentel, em correspondência com o altíssimo valor do merecimento dele.

Esta solenidade conjunta, do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, pelo prestígio, pelo renome, pela respeitabilidade dos órgãos que a promovem, talvez seja a primeira e mais significativa manifestação que se realiza no Ceará, tendo como núcleo de inspiração e motivação a excelsa figura do valoroso filho de Santa Quitéria.

Alguém ainda se lembra do "Instituto São Luiz", que, ao longo de décadas consecutivas, preparou intelectualmente milhares de moços, do Ceará e de estados vizinhos, que depois se alçaram as faculdades e mais tarde foram brilhar em variados setores da vida do Estado e da Nação?

No "Instituto" também funcionava o "Grêmio Literário Monsenhor Tabosa", onde, dentre outros, se destacaram no meu tempo Álvaro Lins Cavalcanti, Sinésio e Raimundo Lustosa Cabral, Valderi Uchoa, Raimundo Catunda, Abelmar Ribeiro da Cunha, Liberato Moacyr Aguiar, Fernando Silveira, José Júlio Cavalcanti, José Ferreira de Assis.

O "Grêmio" era um verdadeiro centro animador de debates, no qual estudantes secundaristas iniciavam o treinamento oratório e se exercitavam nos ensaios preliminares do aperfeiçoamento literário. Editava-se a revista *O Estímulo*, que publicava trabalhos em prosa e verso de alunos e professores do colégio.

Promoviam-se palestras, conferências e seminários. Cuidava-se do espírito, da mente, do intelecto.

Foi inestimável, foi de valor excepcional a contribuição de Pimentel, esclarecida, dinâmica e contínua, no processo cearense de educação e formação dos jovens.

Vamos, portanto, estudá-lo em profundidade e amplitude, — e transmitir a notícia do educador Pimentel, do político Pimentel, do estadista Pimentel, ao conhecimento da geração que aí está, sedenta de informação idônea, a fim de que contemple a dimensão total do homem extraordinário que aquele cearense encarnou em altíssimos patamares da atividade humana.

Ocorre-me assinalar, de outra parte, que há muito tempo procuro e não encontro, em nossa bela Fortaleza, uma linda avenida, uma bonita praça, uma rua importante com a placa ostentando o nome de Pimentel.

César Cals — ex-aluno do “São Luiz” e um dos mais operosos governadores que o Ceará já teve — lembrou-se de dar o nome de Pimentel à Biblioteca Pública da Capital. Muito bem. E o que mais se fez, além disso? Sinceramente, eu não sei.

Eu próprio fui também aluno de Pimentel no “Instituto São Luiz” da avenida do Imperador, defronte ao qual ele fez erigir sua casa residencial a fim de facilitar o contato com o colégio. Durante o período de 1931 a 1937, tive o prazer e a honra de privar com ele, cotidianamente.

Fui mais de que seu aluno: através da intermediação do Dr. João Otávio Lobo — médico com alma de santo, fundador do Sanatório de Messejana, professor da Faculdade de Direito, político, orador e escritor de qualidade rara, monumento de bondade e sabedoria —, pela mão do Dr. Lobo obtive a nomeação para “Prefeito de disciplina” do “Instituto São Luiz”, quando tinha dezesseis anos de idade, nos idos de 1935.

E lá fui trabalhar, com ardor juvenil. Fui iniciar naquela Casa de estudo e de aprendizado moral o treinamento da vida prática, diretamente subordinado ao Diretor, Dr. Otávio Terceiro de Farias, eminente professor de Português, que teria sido nome nacional se houvesse transferido a residência para a então Capital da República. O Vice-Diretor era o Dr. José Milton Pimentel, a quem eu assessorava na redação e datilografia de cartas e cartões, que tinham quase sempre como destinatário o Capitão Cordeiro Neto, incomparável Chefe de Polícia do Estado.

Integravam mais a cúpula do colégio os doutores João Batista Pinto e Boanerges Sabóia, na Secretaria, e o bacharel e médico Dr. Lauro Vieira Chaves, Inspetor Federal. Também “Prefeitos” Solon Holanda, Luiz Aragão, Ewerton Cumaru,

Sinésio e Raimundo Lustosa Cabral, Geraldo Ozanan Pinheiro Costa Lima, Ruy e José Farias Evangelista.

O cargo de "Prefeito de disciplina" era espinhoso e certamente antipático. Dir-se-ia, hoje, impopular e desgastante. Mas dava força e prestígio perante o público interno, e experiência, sem dúvida. Ademais, dispensava-nos do pagamento da mensalidade escolar, convertendo-nos em alunos gratuitos. Tínhamos a missão de manter a ordem e zelar pelo respeito em todas as classes, presidir as sessões de estudo, fiscalizar o recreio, reprimir as tentativas de anarquia, sobretudo quando as três turmas do "Curso Seriado", reunidas no amplo espaço destinado ao internato, teimavam em perturbar as ruidosas apresentações de música e canto orfeônico do maestro Silva Novo. Havia um "Livro de partes", que nós, "Prefeitos", escriturávamos e assinávamos, submetendo-o à consideração de Pimentel ou de Otávio Farias, que nele lavravam, de próprio punho, os despachos punindo os desobedientes, os recalcitrantes, os indisciplinados.

Pimentel, inclusive a partir de quando foi eleito Governador do Estado, em 1935, não deixava de comparecer pontualmente ao colégio, às 7 horas da manhã. Dispunha de gabinete reservado no prédio e gostava de percorrer as salas de aula, de fiscalizar, pessoalmente, alunos, professores e "prefeitos". Quando eventualmente faltava um mestre, era comum ver Pimentel, Governador e Interventor, sentar-se na cadeira do ausente, efetuar a chamada nominal dos discentes e ministrar, ele próprio, aulas de Português, Latim, Aritmética, História, Geografia, Francês ou Inglês. Era o humanista consumado e completo, sempre em dia com as matérias que formavam o currículo do "Curso Seriado".

Vem-me a lembrança um episódio sugestivo: no dia seguinte ao da sua posse no Palácio da Luz, Pimentel chegou cedo ao "Instituto São Luiz". A estudantada improvisou uma manifestação em homenagem ao Chefe, aclamando nosso colega, Osório Uchoa Soares Campos, para saudá-lo em nome de todos.

No final do discurso, Osório exclamou:

"Dr. Pimentel, nós, seus discípulos, não abrimos mão da sua companhia de diretor, de chefe, de professor, de conselheiro, de amigo. Se o senhor deixar o colégio, ficaremos com saudade até dos seus carões. Dê um jeito, Dr. Pimentel, de continuar aparecendo, com frequência, na casa que sabemos estar no fundo do seu coração de educador".

Emocionado, Pimentel tomou a palavra e respondeu de imediato:

"Rapazes, eu lhes declaro solenemente o seguinte: eu não aceitaria nenhuma missão que me obrigasse a abandonar o "São Luiz". Garanto que não me afastarei do colégio, em nenhuma hipótese. Se tivesse que deixar o colégio para ficar no governo deixaria o governo para ficar no colégio".

E nunca esqueceu a promessa, que sempre cumpriu, pontualmente.

Nas voltas que o mundo dá, uma delas me colocou ao lado de Pimentel, como seu liderado, na Bancada Federal do Ceará na Câmara dos Deputados, em 1951.

Vi e senti que ele não mudara em nada.

Era o homem de toda a vida: discreto, fiel à palavra empenhada e aos compromissos explícitos e implícitos. Inalterável na simplicidade, na justa medida, no equilíbrio, no bom-senso. Educado na compenetração e no decoro, sóbrio e respeitoso, andava sempre impecavelmente vestido, mesmo quando viajava pelo interior calorento. Recebia as pessoas em casa, invariavelmente, de paletó e gravata. Somente uma única vez o surpreendi de pijama, robe-de-chambre e em chinelos: foi na madrugada em que eu e meu secretário, Dr. José Bonifácio Câmara, em 1962, fomos levar-lhe o texto final da nota destinada aos jornais de Fortaleza, com a notícia da consumação do acordo partidário que formalizava a coligação denominada "União pelo Ceará".

A varanda da casa da Imperador, 636, era uma espécie de escritório político aberto, uma sede informal do "P.S.D.", onde sempre havia lugar para mais um, pobres e ricos, chefes políticos e eleitores, prefeitos e deputados, líderes e cidadãos do povo.

Outro acontecimento inesquecível que vivi com ele foi o da escolha para Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, por ocasião do movimento militar de 11 de novembro de 1955, que depôs Carlos Luz da Presidência da República.

Na tarde daquele dia, o Presidente Nereu Ramos, já instalado no Palácio do Catete, me incumbiu de transmitir o seu convite a Pimentel para assumir, imediatamente, o exercício daquela Pasta.

Telefonei a Pimentel, que se achava em seu apartamento da Rua Benjamim Constant, no Rio, e entre nós dois se travou este diálogo, registrado em meu diário:

Armando — “Dr. Pimentel, como está vendo a situação?”

Pimentel — “Tudo ainda bastante confuso. A Marinha parece que não aderiu ao Lott e a Aeronáutica também não. Falei, agora mesmo, com o Brigadeiro Teófilo (seu genro) e ele me disse que o movimento militar ainda não se completou. Convém ter calma e cautela. Você, Armando, de onde está falando?”

Armando — “Estou falando do Palácio do Catete”.

Pimentel — “O quê?! Do Palácio do Catete?! Você perdeu o juízo?! O Palácio virou praça de guerra. Está cercado pelos tanques do Exército. Vá embora, homem, pois boa romaria faz quem em sua casa fica em paz”.

Armando — “Acontece que tenho uma missão importante a cumprir, agora e já. Tenho que lhe transmitir um convite grave”.

Pimentel — “Que convite, convite de quem? Convite para que?”

Armando — “Convite do Presidente Nereu Ramos, que o quer ver, daqui a pouco, à frente do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Convém o senhor chamar um táxi e vir logo para aqui. Eu o espero na sala do Dr. Paulo Lira, que vai ser Chefe do Gabinete Civil da Presidência”.

Pimentel — “Você está mesmo falando sério? Se está, eu vou já para o Catete”.

Com efeito, dentro de quinze minutos sou chamado ao telefone da Portaria do Palácio. Era o novo Ministro Meneses Pimentel, que me falava de um café, perto do Catete, para comunicar que fora impedido de aproximar-se da Sede do Governo pelo comandante militar da tropa que mantinha o cerco de proteção.

Fui ao encontro de Pimentel e lá estava ele, absolutamente calmo, imperturbável, sereno e modesto, como se nada de tão decisivo estivesse ocorrendo, e não fosse sua pessoa, já naquela altura, peça destacada num episódio político-militar gravíssimo e de profunda repercussão no processo político brasileiro da época.

No começo da noite de 11 de novembro de 1955, Pimentel entrava no exercício da Pasta responsável pela segurança interna e pela política geral do Governo, missão que desempenhou com a eficiência, a discrição, a habilidade e a firmeza que lhe eram peculiares.

Sempre estive perto dele.

O destino me premiou com a sua amizade e, por isso, constantemente contactava com Pimentel, embora me houvesse mudado para o Rio de Janeiro em 1938.

Acompanhei-o até o fim da jornada terrena, junto ao seu leito de enfermo, nos últimos dois anos de vida, no Rio. Certa noite, com dificuldade quando ainda conseguia fazer-se entender, sussurrou-me:

“Preste atenção, por favor. Quero ser enterrado no Ceará. Ajude a me levarem para lá”.

A sorte me permitiu cumprir-lhe a derradeira vontade, pela mão do governador César Cals. No momento oportuno, fizera eu apelo a Sua Excelência, que, desde logo, me autorizara a promover medidas que garantissem o transporte condigno, para o chão-natal, do corpo inanimado do ex-Deputado, do ex-Governador, do ex-Interventor, do ex-Vice-Governador, do ex-Ministro, do ex-Senador, do educador Francisco de Meneses Pimentel.

A gloriosa tradição que ele deixou é patrimônio político, moral e espiritual do Ceará da inteligência, do saber, da decência e da honra.

Figura humana maiúscula, perpetuamente erguido no pedestal da fama augusta, Pimentel está vivo, eterno na alma do homem que tão fielmente soube simbolizar a fibra e o caráter da nossa raça cearense.